

**GOIAS**

**FIEG**

**INDUSTRIAL**

Órgão da Federação das Indústrias do Estado de Goiás

ANO XXIV

GOIÂNIA, JULHO/AGOSTO DE 1995

Nº 14

# Querem acabar com o Sesi e o Senai

Fieg reage contra a ameaça de extinção,  
mobiliza parlamentares e recebe apoio

# EXPEDIENTE

## GOIÁS

### FIEG

# INDUSTRIAL

**Diretor**  
Jávier Godinho

**Editor**  
Iúri Rincon Godinho

**Colaboradores**  
Simão Ferreira, Maria Fátima, Simone  
Costa e Milene Rodovalho

**Editoração eletrônica  
com a qualidade**



(062) 224-3737

**Redação**  
Av. Anhanguera, 5.440 - Edifício  
Palácio da Indústria - CEP 74043010  
Goiânia - Goiás  
Telefone (062) 224-0400

**Fotolito e impressão:**  
Parque gráfico do Senai de  
Vila Canaã - Goiânia - GO

## FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Av. Anhanguera, 5.440 - Ed. Palácio da Indústria, Centro, 74.043-010 - Fone (062) 224-0400 - Telex 622419 - Goiânia - GO

### DIRETORIA

**Presidente**  
José Aquino Porto  
**1º Vice-Presidente**  
Waldyr O'Dwyer  
**Vice-Presidente**  
Paulo Afonso Ferreira  
**Vice-Presidente**  
Pedro Alves de Oliveira  
**Vice-Presidente**  
Hélio Naves  
**Vice-Presidente**  
Gilson Teixeira do A. Brito  
**Vice-Presidente**  
Heno Jácomo Perillo  
**Vice-Presidente**  
Sandro Antônio Scodro  
**Vice-Presidente**  
Otávio Lage de S. Filho  
**Vice-Presidente**  
José Antônio Simão  
**Vice-Presidente**  
Joaquim José Brandão  
**Vice-Presidente**  
Ovídio Carneiro Filho  
**Vice-Presidente**  
Luiz Gonzaga de Almeida  
**1º Secretário**  
Rubens Marianni  
**2º Secretário**  
Jacy Coelho  
**1º Tesoureiro**  
Daniel Viana  
**2º Tesoureiro**  
Joaquim Inácio de Melo  
**Suplentes da Diretoria**  
José Alves Fernandes Filho  
José Roberto César  
Ruy Abdalla  
José Carlos S. C. Meirelles  
José Demito

José Luiz Rosa  
Laerte Simão  
Luiz Medeiros Pinto  
Edilson Borges de Souza  
Maurício Alves Dourado  
Wagner Berteli Sime  
César Augusto Sebba  
Jorge Abrão  
Argimiro Marques Neto  
Vilmar Marinho Romão  
José Rodrigues  
Peixoto Neto  
Munir Caixa

**Conselho Fiscal**  
Orlando Alves Carneiro  
Edmo Edmundo Pinheiro  
José Milton de Oliveira

**Suplentes do  
Conselho Fiscal**  
Nilo Margon Vaz  
Valdenício Rodrigues Andrade  
Carlos Alberto  
Vieira Soares

**Conselho de Representantes  
junto à CNI**  
José Aquino Porto  
Waldyr O'Dwyer

**Suplentes do Conselho de  
Representantes junto à CNI**  
Paulo Afonso Ferreira  
Gilson Teixeira  
do Amaral Brito

**Conselho de Representantes Fieg**  
José Aquino Porto  
José Alves Fernandes Filho  
Daniel Viana  
José Milton de Oliveira  
Sandro Scodro  
Edmo Edmundo Pinheiro

**Gilson Teixeira do Amaral Brito**  
Valdenício R. de Andrade  
Pedro Alves de Oliveira  
Vilmar Marinho Romão  
Joaquim Inácio de Melo  
Carlos Antônio de Melo  
Rubens Marianni  
Nilo Margon Vaz  
Joaquim José Brandão  
João Batista de Sousa Emídio  
José Roberto César  
Wagner Berteli Sime  
Waldyr O'Dwyer  
Luiz Medeiros Pinto  
José Antônio Simão  
José Leão da Silva  
Otávio Lage de Siqueira Filho  
Segundo B. Martinez  
Carlos Alberto Vieira Soares  
Humberto Rodrigues de Oliveira  
Heno Jácomo Perillo  
Melchid Auad  
Luiz Gonzaga de Almeida  
Maurício Alves Dourado  
Hélio Naves  
José Nicácio Pacheco  
José Alberto Moreira Milhomem  
José Silvio Moreira  
Jacy Coelho  
Jaques Jamil Silvério  
José Carlos S. de Campos Meirelles  
Domingos Villefort Orzil  
José Demito  
José Vitti  
Laerte Simão  
Miguel Jorge Skeff  
Ruy Abdalla  
Cloves Martins de Almeida

**Suplentes**  
Paulo Afonso Ferreira  
Joviano Teixeira Jardim

**Geraldo de Bastos**  
José Antônio Ferreira  
Cláudia Marques Scodro  
Luiz Sérgio de Medeiros  
João Marcus G. Vencato  
Halkal Helou  
Geraldo Amâncio de Souza  
Getúlio Antero de Deus  
Alicione Silveira  
Djalma Furtado de Andrade  
Luiz Barreto Correia de Menezes Neto  
Vasco Carvalho de Oliveira Júnior  
Adão de Oliveira  
Antônio Braz da Cunha Primo  
Pedro Pereira de Magalhães  
Gérson Bento Nunes  
Munir Caixa  
Maurício Spósito  
Paulo Roberto Rodrigues Alves  
Pedro Antônio da Silva  
Maria Elizabeth J. Batista

Eurípedes Soares da Silva  
Antônio Henrique F. Filho  
Eduardo Cunha Zuppani  
José Roberto Machal  
José Geraldo Batista Chaves  
Paulo Cruz Monteiro Júnior  
Hélio Naves Júnior  
Efraim Antônio Alves  
Élio Antônio Martins  
Maurício Jorge Skeff  
Carlos Roberto Viana  
José Elias Mendes  
Luiz Fernando S. Campos Meirelles  
Eurípedes do Prado Junqueira  
Valter Silva  
Heitor Herbert Stein  
Luciano Carvalho de Souza  
Arivarta Alves de Souza  
José Vieira Gomide Júnior  
Juscelino Francisco Mendonça

## Órgãos da Federação das Indústrias do Estado de Goiás

**SENAI**  
Serviço Nacional de Aprendizagem  
Industrial  
**Diretor Regional:** Paulo Vargas  
**Sede Administrativa:** Rua 227-A,  
nº 95 - S. Universitário -  
Fone (062) 202-1211 - CEP 74610-060  
Goiás Industrial - 4

**SESI**  
Serviço Social da Indústria  
**Diretor Regional:** José Aquino Porto  
**Superintendente:** Mozart Soares Filho  
**Sede Administrativa:** Av. Araguaia,  
1.544 - Ed. Albano Franco - Vila Nova -  
Fone (062) 224-0644 - CEP 74645070

**IEL**  
Instituto Euvaldo Lodi  
**Diretor Regional:** Daniel Viana  
**Superintendente:** Paulo Galeno  
**Sede Administrativa:** Av. Anhanguera,  
3.576 (novo nº 5.440) - Ed. Palácio da  
Indústria - Fone 224-8475 - CEP 74043010

1550-1880

A REVOLUÇÃO ADIADA



1550 – O Brasil produz apenas açúcar: 180 mil arrobas anuais, saídas de 16 engenhos. Colônia deficitária com 17 mil habitantes, perdida na imensidão do Atlântico, é um peão no jogo do poder entre Portugal e Espanha pelos domínios do mar. A Inglaterra, obscuro país de criadores de ovelhas, semidestruída pela guerra civil, embora ainda não sonhasse com a Revolução Industrial, estava a um passo da idade moderna, sob a liderança pacificadora dos Tudor e o incentivo dos capitais de judeus fugidos da Inquisição espanhola.

1587 – Um empreendedor paulista, Afonso Sardinha, instala uma fundição na área de Sorocaba, São Paulo. Meio século na frente dos pioneiros norte-americanos, transforma o ferro em anzóis, facas e ferramentas para a agricultura, produtos de excelente qualidade.

1740 – O apogeu do ciclo do ouro e do açúcar semeia as primeiras plantações de algodão. As fundições se multiplicam e, em torno dos engenhos, brotam as primeiras tecelagens que fabricam roupas para os escravos.

1776 – A metrópole assesta violento golpe contra a indústria nascente, com a proibição das fundições e da lapidação de ouro. A justificativa raiava o absurdo: faltavam braços para a lavoura.

1785 – Os ingleses se tornam os novos senhores do mundo e impõem o Mercantilismo, tendo na retaguarda a abundante produção do seu parque fabril, e na vanguarda, os canhões da sua armada. Portugal estende o tapete vermelho para os novos senhores do mundo. D. Maria I, a Louca, de um golpe de pena, proíbe a existência de fábricas no Brasil, escancarando as portas do País para as manufaturas *made in England*. A Colônia passa a produzir só açúcar e ouro.

ICONGRAFIA



# 445 anos de indústria brasileira

***A crônica de uma revolução que  
construiu um dos dez maiores parques  
fabris do ranking mundial, dando  
alicerce para um ciclo de  
desenvolvimento que irá preparar o país  
para a globalização da economia neste  
fim de século.***

*Extraído da Revista da CNI, março/abril de 1995*

**1808** – Dom João VI instala a corte no Rio de Janeiro, tängido de Lisboa pelas tropas de Napoleão. A indústria ganha sinal verde e passa a merecer estímulos e crédito.

*A direita, embarque de D. João para o Brasil. A indústria ganha sinal verde e o País começa a deixar de ser unicamente um produtor de açúcar*



REPRODUÇÕES ICONOGRÁFICA



**1810** – A lua-de-mel da Coroa com a produção industrial dura pouco. Exatamente o tempo que os ingleses levaram para mandar emissários pressionando em defesa do livre comércio. D. João VI volta atrás e escancara os portos: os ingleses inundam o País de manufaturas pagando taxas bem inferiores aos produtos portugueses.

**1822** – O povo dança nas ruas em comemoração à Independência, mas a Revolução Industrial permanece adiada: para atender à demanda de bens, num País com 4,5 milhões de habitantes, mais 1 milhão de escravos e 800 índios, D.

João VI estende o sistema de livre cambismo aos países mais adiantados da Europa.

**1848** – O Barão de Mauá, Irineu Evangelista de Souza, inaugura a Fundação Ponta de Areia. Mil operários transformam ferro e bronze em tampões de

ferro, tubos para encanamento de gás e constrõem 72 navios. O empreendimento foi à pique por culpa da Coroa: fez vultosas encomendas, mas esqueceu de pagar a conta, instituindo uma prática que, mais tarde, viria fazer parte dos usos e costumes da República.

**1850** – O País vive um clima de investimentos produtivos que

lembra a Inglaterra e os Estados Unidos. Com a proibição do tráfico negreiro, o dinheiro que financiava o vaivém de navios abarrotados de escravos é canalizado para a expansão da indústria têxtil, o parque gráfico, a modernização dos engenhos e da metalurgia. Mas a distância em relação aos países ricos já é bem considerável: na Europa, as colheitadeiras substituíam 150 homens, com um ganho de produtividade simplesmente impensável para os produtos rurais brasileiros.

**1861** – Um imigrante suíço, Herman Thedor Lundgren, inaugura uma fábrica revolucionária: a Elefante, que produzia pólvora, em Cabo, Pernambuco. Lundgren, que começou a vida como intérprete no porto do Recife, viria a se tornar um industrial de grande sucesso.

**1880** – Nasce o grupo Hering, em Blumenau, Santa Catarina. O pioneiro Herman Hering entrou no ramo têxtil com apenas um tear circular de madeira manual e um caixote de fios de algodão.

## 1890-1929

### A ERA DOS PIONEIROS



**1890** – Se o tema fosse desenvolvimento industrial, Rui Barbosa, ministro da Fazenda, não media previsões otimistas. Não dava muita importância à escassa taxa de poupança nacional, nem à péssima forma das contas do Tesouro. Partia do princípio de que bastava um pequeno empurrão para as linhas de produção florescerem. Fez a reforma bancária e monetária para liberar o crédito e incentivar a importação de máquinas. Teve dores de cabeça com a inflação, mas fez a indústria crescer.

**1891** – Empresários do Rio de Janeiro criam a Associação Industrial. Inspirados nas idéias republicanas, lançam um documento que é nitroglicerina pura: acusam os agraristas de quererem transformar o País “num imenso cafezal” e os países desenvolvidos de “nos manter subdesenvolvidos e consumidores de suas oficinas”.

**1910** – O império de Francisco Matarazzo desponta como sinal dos novos tempos. Uma fábrica de banha, moinho, fiação, tecelagem e uma rede de casas comerciais transformariam



Matarazzo no homem mais rico do País, dono de uma fortuna de 500 contos de réis e 86 fábricas, onde trabalhavam 15 mil operários.

**1914** – A I Grande Guerra impulsiona a indústria de bens de consumo.



*O império Matarazzo despoja como sinal dos novos tempos; acima, sua fábrica de óleo Sol Levante*

**1924** – A produção industrial brasileira, rotulada de cara, perde terreno para os produtos importados. Reforça-se a crença nas vantagens comparativas da agricultura. Mas a indústria continua conquistando posições: começavam a se desenhar fábricas de alimentos, pequenas indústrias mecânicas e metalúrgicas. São Paulo tomava a dianteira, com 33% da produção nacional, à época liderada pela indústria de alimentos (40,2%) e têxtil (27,6%).

**1928** – Em meio à guerra entre industrialistas e agraristas, o industrial Roberto Simonsen e o conde Francisco Matarazzo brigam com os conservadores e saem da Associação Industrial para fundar em 1º de julho o Centro das Indústrias de São Paulo, rebatizado em 1931 como Fiesp – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. No seu discurso de posse, Simonsen bateu duro nos agraristas que “não conseguem enxergar que no estágio atual da civilização não se alcança independência econômica de uma nação sem uma industrialização com base sólida”.

**Goias Industrial - 26**

## 1890-1929

### O CICLO DA INDUSTRIALIZAÇÃO



**1930** – Getúlio Vargas, líder da Revolução vitoriosa, não mede esforços para salvar a economia cafeeira: compra e manda queimar 57 milhões de sacas de café, que vive dias amargos desde o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, um ano antes. Mas a economia cresce a taxas superiores a 10% devido à estratégia de substituir produtos importados para equilibrar a balança comercial.

**1930** *Criada a Confederação Nacional da Indústria, que sucede a diversas outras entidades surgidas desde o Império. A CNI é, ao mesmo tempo, depositária do pensamento histórico industrial, agente renovador da ação sindical patronal brasileira e estimuladora da modernização empresarial.*

**1940** – Vargas, que em 1937 tinha rompido com os liberais e instaurado o Estado Novo, cria o salário mínimo em 1º de maio.

**1941** – Vargas alinha-se aos países aliados contra os países do eixo. Em troca da participação do Brasil na II Grande Guerra, ganha dos EUA os cré-



**“POR INFIMO QUE SEJA NO PRESENTE, O TRABALHO DE CADA BRASILEIRO EM BEM DA COLETIVIDADE APRESSARA O RENOVAMENTO NO FUTURO.”**

ditos para construir a Usina Siderúrgica Nacional.

**1945** – Fim da guerra. Vargas deposto. O acordo de Bretton Woods acena com um longo ciclo de prosperidade para o mundo industrializado. A indústria brasileira reúne, além da CSN, às vésperas de ser inaugurada, a Cia. Vale do Rio Doce, a Fábrica Nacional de Motores, a Fábrica Nacional de Álcalis, a Acesita e a Cia. Hidrelétrica de Paulo Afonso.

**1950** – O censo registra que a indústria cresceu 86,4% em relação à década de 40. Setores como material elétrico, alimentos, metalurgia crescem até 188%, no mesmo período.

**1951** – Eleito Presidente pelo voto direto, Vargas volta ao Po-  
*Julio Prestes, em 1929, recebe a diretoria do Centro das Indústrias de São Paulo, rebatizada em 1931 como Fiesp*





O ministro João Alberto e autoridades norte-americanas erguem um brinde pela CSN, em 1943. À direita, JK arranca junto com a indústria automobilística e, abaixo, trabalhadores saudam a descoberta de petróleo na Babia, em 1955



der, desta vez apoiado pelos industrialistas. Esquentam os motores da indústria automobilística.

**1952** – Cria-se o BNDE, hoje com o S de Social, um superbanco voltado para o financiamento da indústria nacional e da infra-estrutura.

**1953** – A campanha “O petróleo é nosso” empolga multidões nacionalistas. A Lei 2.004 institui a Petrobrás e o monopólio estatal. A participação da indústria no PIB salta de 17% para 24%.

**1956** – Juscelino Kubitschek assume a Presidência com a plataforma de 50

bater a inflação e rompe com o FMI. O Nordeste ganha uma promissora alavanca da industrialização: a Sudene.

## 1964-1995

### EXPANSÃO, CRISE E MODERNIZAÇÃO



**1964** – Abre-se nova etapa de desenvolvimento industrial, alicerçada em incentivos fiscais e empréstimos externos. O País se transforma no maior pólo de investimentos internacionais da América Latina.

**1969** – O País voa nas asas da Embraer, empresa estatal que produz os primeiros aviões brasileiros.

**1973** – A Fiat se instala em Betim, Minas Gerais.

**1974** – Com o II PND, a indústria, que estava direcionada para os bens de consumo, dá uma guinada rumo aos setores de base. Gigantes estatais como Petrobrás, Siderbrás, Eletrobrás, Embraer e Vale do Rio Doce serão os motores do novo ciclo de investimentos, movimentando capitais que desafiam a gravidade.

**1982** – Conseqüência do choque dos juros da dívida externa, a recessão atinge as fábricas. O PIB industrial cai 8,7%. A ociosidade das linhas de produção, em muitos casos, atinge 70%. Inicia-se um longo período de transição e modernização.

**1984** – A reserva de mercado de informática é determinada pela Lei 7.232, aprovada pelo Congresso Nacional.

**1986** – O Plano Cruzado tira a produção industrial do vermelho e esquentam as linhas de produção. Mas a trégua dura pouco: no ano seguinte, a recessão volta a fustigar a indústria.

**1990** – O governo Collor inicia a abertura econômica. A política de substituição de importações cede lugar à integração competitiva.

**1991** – A venda da Usiminas dá o pontapé inicial no programa de privatizações que tirou o Estado do comando dos setores siderúrgico e petroquímico.

**1992** – A indústria emite sinais de recuperação. Atinge o ponto mais alto de crescimento de produtividade desde 1975: 11% por hora trabalhada.

**1994** – Iniciativas como o fim da reserva de informática, desregulamentação da economia e a liberdade para importação de programas de computador faz renascer o interesse pelos investimentos internacionais na produção industrial no Brasil, visando ao Mercosul e à América Latina.

**1995** – Confiantes no ambiente de estabilização, a indústria se prepara para um novo ciclo de investimentos e para a ampliação da capacidade produtiva. No plano político, a indústria posiciona-se em defesa das reformas macroeconômicas e de uma política industrial que dê suporte ao desenvolvimento auto-sustentado. ■

anos em cinco. Incentiva a vinda do capital estrangeiro para o País e, ao mesmo tempo, apóia o capital nacional. A meta: produzir e nacionalizar.

**1959** – No dia 7 de janeiro sai da linha de montagem da Volkswagen o primeiro Fusca produzido no País. A construção naval ganha impulso. JK nega-se a sacrificar o plano de metas para com-

